

AUGUSTO CURY

Prisioneiros da Mente

Adaptação de
Ana Rita Silva

Pergaminho

ÍNDICE

Prefácio.....	9
1. O imprevisível futuro da humanidade	11
2. Prisões mentais.....	20
3. Vampiros mentais	27
4. Um trator cerebral que passa por cima de todos	34
5. O passado insondável de Theo Fester.....	40
6. Um homem frio, sem tempo para as lágrimas	55
7. Invictus e Caleb – uma luta desigual	67
8. Prisões do cérebro – será a espécie humana viável?	76
9. Uma família que era um grupo de inimigos.....	89
10. Os segredos do grande líder	99
11. Unidos pelo medo da perda.....	110
12. Filhos agradavelmente falsos	115
13. Sonhos filantrópicos falsos.....	119
14. Palácio do terror.....	126
15. Excelente avô, péssimo pai.....	133
16. Grande desilusão	137
17. Plano maquiavélico	147
18. Predadores apanhados na sua própria armadilha.....	153
19. Negar a própria história.....	161
20. Trinta dias de inferno: os incríveis testes aos quais um pai submeteu os seus filhos	170
21. Loucuras de Brenda.....	182
22. Fraudes de Peterson.....	190

23. Farsas de Calebe.....	197
24. O dramático teste de stresse de Brenda.....	202
25. O poderoso teste de stresse de Peterson.....	214
26. O inimaginável teste de stresse de Caleb.....	222
27. Diálogos incríveis entre um empreendedor, um psiquiatra e a inteligência artificial	233
28. O julgamento de Peterson.....	240
29. O julgamento de Brenda.....	247
30. O julgamento de Calebe	254
31. O veredito	263
Agradecimentos	279

Prefácio

Prisioneiros da Mente é um romance permeado pelo universo psiquiátrico e sociológico, que dissecas as prisões mentais comuns a quase todos nós mas que dificilmente conseguimos mapear ou ter coragem para verbalizar. Os seus protagonistas são Theo Fester, um milionário de Silicon Valley, e os seus três egocêntricos filhos: Peterson, empresário do setor bancário; Brenda, presidente de uma cadeia de lojas de roupa feminina; Calebe, um notável investidor em *startups*, especialista em ganhar milhões de dólares – ainda que passando por cima de tudo e de todos.

Theo Fester, o patriarca, é inteligente, ousado e culto, e detesta conviver com pessoas lentas e inseguras. Ao mesmo tempo que é capaz de em segundos demitir um diretor de uma das suas empresas, não hesita em elogiar quem perdeu fortunas, mas ousou andar por caminhos nunca antes percorridos. Para o milionário, vale a máxima: «Quem vence sem riscos triunfa sem glórias.» Filho de um judeu que viveu os horrores dos campos de concentração e que depois de resgatado foi para Nova Iorque, Theo Fester teve de ser, desde a infância, «pai» do seu pai, ajudando-o a atenuar os fantasmas mentais provocados pela atroz perseguição nazi.

Na adolescência, Theo Fester foi impelido a empreender para sobreviver. Forjado pelas perdas, pela exclusão social e pelos mais diversos tipos de *bullying* que sofreu, não se curvou perante a dor. As lágrimas irrigaram-lhe a coragem, a capacidade de se reinventar, mas também a raiva. Em vez de se afastar ou de perseguir as pessoas que o tinham magoado na juventude, fazia valer outro provérbio:

«A maior vingança contra um inimigo é levá-lo a trabalhar para si.»
Então deu-lhes emprego.

Tornou-se um empreendedor mundialmente invejado, até que descobriu que o seu maior empreendimento, a família, estava falido. Ele e os seus filhos eram socialmente aplaudidos, mas na essência viviam uma farsa – eram um grupo de estranhos, especialistas em se digladiar, aprisionados pela necessidade neurótica de poder e de ser o centro de todas as atenções.

Iluminado pelo psiquiatra e investigador Marco Polo, Theo Fester descobrirá que de empresários a colaboradores, de puritanos a pecadores, de famosos a anônimos, de intelectuais a analfabetos, todos temos as nossas algemas mentais que sustentam egos gigantescos, fóbicos, depressivos, ansiosos, autopunitivos, intolerantes, mal-humorados, destituídos de resiliência. Foi difícil para ele perceber que era um milionário emocionalmente falido e um pai dilacerado.

Chegará o momento da vida em que os seres humanos que percorrem apenas a superfície de um mísero átomo do imenso espaço – e ainda assim proclamam como deuses que tudo sabem – perceberão que se esqueceram de explorar o mais complexo dos mundos: o «planeta» mente. Descobrirão, perplexos, que no cérebro humano há mais prisões do que nas cidades mais violentas da Terra; que há mais mendigos emocionais a morar em belas casas e apartamentos do que a psiquiatria supõe. Somos todos prisioneiros em busca de liberdade, mas muitos morrem encarcerados, procurando-a em lugares onde ela nunca existiu.

O imprevisível futuro da humanidade

As mentes ansiosas e com baixo limiar para suportar frustrações multiplicam-se como vírus na Era Digital. Estes são tempos sombrios para o planeta Terra – e mais ainda para o «planeta» cérebro. A insegurança e a ansiedade diante do que o futuro reserva geram sofrimento e fazem parte da rotina do ser humano mentalmente hiperestimulado. Milhões de pessoas tentam preparar-se para um futuro imprevisível, e não sem razão.

Num sumptuoso escritório, um homem de cabelos grisalhos, considerado um profeta de Silicon Valley, anuncia dados assustadores ao seu, muito especial, secretário, Marc Douglas:

– Mais de cinquenta por cento dos bebês de hoje, quando adultos, terão profissões desconhecidas na atualidade. Os pais e as escolas secundárias educam os jovens para um mundo que deixará de existir, para um amanhã que na verdade é imprevisível. As universidades são jurássicas, lentas a acompanhar a evolução tecnológica. Estas instituições preparam os estudantes para trabalhar no passado, não no futuro.

Quem o diz é Theo Fester, considerado um dos mais ricos e poderosos empresários de Silicon Valley, um dos maiores empreendedores de todos os tempos. Contudo, a sua idade emocional não corresponde à sua idade biológica. Fisicamente debilitado e emocionalmente jovem, proativo e criativo, é um especialista em se reinventar. Detesta a rotina e está preocupado com a juventude.

– Fui um dos responsáveis pela construção deste fascinante, imprevisível e agitado mundo digital, Marc – afirmou Theo, sentindo alguma culpa. – Mas não sei se criei um mundo melhor ou um monstro.

Por ser culto e ter um raciocínio ultrarrápido, causavam-lhe arrepios as pessoas que não o acompanhavam. Era habitual dizer aos seus colaboradores:

– Respostas estúpidas ou falta de objetividade provocam-me ataques de nervos!

Embora morasse em São Francisco, o escritório central que administrava as suas empresas situava-se em Nova Iorque.

Theo Fester era temido e respeitado por muitos, todavia, poucos gostavam mesmo dele.

Marc Douglas trabalhava com Theo havia décadas. Tinham estudado juntos na adolescência. Nessa altura, Marc não era seu amigo, mas seu carrasco, fazia *bullying* a Theo. Certa vez, quando ambos tinham treze anos, disse-lhe:

– És mesmo um judeu estúpido e burro!

Theo, tímido, inseguro, amedrontado, não conseguiu levantar a cabeça. Marc prosseguiu ainda com mais agressividade.

– Abre essa boca, seu estúpido!

Theo, provocado, abriu-a, mas para lhe dizer:

– Um dia irás trabalhar para mim!

Marc sentiu-se aviltado, empurrou Theo – que caiu – e ainda respondeu:

– Nem que eu morra! Nunca trabalharei para ti. Aliás, um burro irá sempre puxar uma carroça, nunca será capaz de montar uma empresa.

Ele e os seus amigos Peter Long, Michael Frezo, Ramirez Peres e Willian Pence continuaram a gozar com Theo.

Tais provocações, em vez de o destruírem, nutriram a sua gana de ser um excelente aluno, que se destacasse na escola; alimentaram o seu desejo incontrolável de ser um empreendedor. Assim era Theo Fester, um jovem que detestava a rotina, que convertia o ódio asfíxiante em oxigénio para respirar outros ares, ousar e procurar a liberdade.

Mesmo no tempo da escola, Theo era responsável por várias proezas. Pobre, vendia lápis, canetas e bombons. Muitas vezes os colegas deitavam abaixo os seus produtos e exclamavam:

– Isso é muito caro!

No dia seguinte, em vez de desistir, Theo aumentava o preço e dizia:

– É importado de Helsínquia. – Mesmo sem ter a mais remota ideia de onde ficava Helsínquia...

Os jovens americanos, ingênuos, adoravam produtos importados. Isto, claro, décadas antes de a China viciar os Estados Unidos nos seus produtos.

Aos dezoito anos, Theo Fester montou a sua primeira empresa, uma pequena padaria que faliu depois de seis meses. Aos vinte anos, montou a segunda empresa, uma mercearia; também foi à falência. Montou uma floricultura; falência outra vez. Depois de falir cinco vezes, o «senhor fracasso» montou a sua primeira empresa vencedora, a qual vendia materiais para escritório. Três anos depois, já tinha vinte lojas.

Mal começou a ter sucesso, procurou aqueles que o tinham perseguido na adolescência e começou a dar-lhes emprego. O primeiro foi Marc Douglas. Estava desempregado havia mais de um ano. À medida que os negócios cresciam, foi empregando um por um – Peter Long, Michael Frezo, Ramirez Peres e outros que sempre tinham gozado com ele. Por último, procurou Willian Pence, que encetara uma carreira brilhante como advogado.

– Estás a vingar-te de nós, Theo Fester? – perguntou Willian no momento do convite.

– Não, estou a resolver algumas questões emocionais. A maior vingança contra um inimigo é perdoar-lhe, e a melhor forma de lhe perdoar é empregando-o. Acredito que esta atitude seja melhor do que qualquer tipo de perseguição. Hoje tenho trezentos empregados, em breve, terei três mil. E, sobre o convite que te fiz, para que fique claro, obviamente estou disposto a cobrir o que tu ganhas.

E Theo Fester cresceu, conquistou os seus três mil colaboradores, e depois mais trinta mil. E não parou por aí. Alguns dos seus inimigos

subiram na empresa, outros nunca passaram de cargos de menor importância. Mas Theo deu oportunidade a todos os que o tinham ofendido e magoado.

Atualmente, muitos estão reformados, porém Marc Douglas tornou-se o seu eterno secretário, e Willian Pence, o eterno diretor jurídico das empresas, coordenando uma equipa de mais de trinta advogados.

Marc ficou abalado quando Theo expressou a sua dúvida se, como um dos arquitetos da Era Digital, criara um mundo melhor ou um mundo monstruoso. Tinha dificuldade em lidar com conflitos e detestava ver o amigo angustiado. Por isso, tentou afastar-lhe as preocupações da mente.

– Theo, é surpreendente ver aonde chegaste. Recordo-me de quando estava atolado na lama do orgulho, a dizer que nunca trabalharia para ti. E hoje tenho orgulho em estar aqui com o homem tido como um dos mais ricos do mundo – disse Marc.

– Não sabes o quanto me ajudaste ao humilhar-me, ao diminuir-me, ao chamares-me estúpido. Deste-me coragem para escrever os meus capítulos mais notáveis nos momentos mais angustiantes. Mas pergunto-me se sou mesmo rico. Ganho milhões de dólares por dia, mas, com a família que tenho, sou um milionário ou um homem falido? Sou um milionário ou um vagabundo emocional?

– Estou a ficar confuso, chefe. Não sei... Não sei responder.

Além de Theo Fester e Marc Douglas, estava presente no luxuoso escritório, sentado na lateral esquerda, a seis metros de distância, um sujeito estranho, enigmático, que ouvia atentamente a conversa do empresário com o seu fiel secretário. Marc olhou para o relógio e, apreensivo, alertou Theo:

– A tua conferência vai começar dentro de trinta minutos. Será mais um evento anual de grande sucesso. Empreendedores do mundo inteiro estão eufóricos para te ouvir novamente.

O empresário, no entanto, sentia-se infeliz. Havia manifestado pela primeira vez e de forma profunda a sua angústia existencial.

– Consideram-me um ícone de Silicon Valley. Aqui criamos *startups* disruptivas, que deram cabo do processo de enviar cartas pelos

correios, e assim perdemos o romantismo da espera. Tornámos obsoletas as máquinas fotográficas e perdemos a poesia da imagem. Eliminámos do mapa as máquinas de escrever, inventámos as redes sociais e perdemos a magia da escrita; hoje, as mensagens são rápidas e superficiais. Eliminámos o telefone fixo. Antigamente, os namorados falavam uma vez por semana, hoje estão sempre a falar. A solenidade dos encontros, contudo, foi perdida. Vivemos num mundo mais rápido, mais produtivo, com acesso fácil à informação. Mas seremos mais felizes e criativos?

– Talvez não, Theo – respondeu Marc, pensativo.

– Massas de advogados, médicos, enfermeiros, engenheiros, técnicos e rececionistas farão parte do rol dos desempregados. Se eles não se reinventarem, serão engolidos pela inteligência artificial.

– Mas o governo fará algo para impedir esse mal.

– Governo? Que governo, Marc? Ele é jurássico e ineficiente, assim como as máquinas de escrever. No futuro, não haverá socialismo, nem capitalismo, nem políticos, nem governos, haverá unicamente robôs. Teoricamente não haverá corrupção... – E hesitou um pouco antes de continuar: – A inteligência artificial governará tudo de forma mais rápida e justa, mas não mais generosa nem mais humana. Noventa por cento dos deputados, senadores, vereadores... desaparecerão do mapa, felizmente. Serão raríssimos os cargos eletivos.

– Achas mesmo, Theo?

– Espera e verás. Tão certo como as máquinas fotográficas terem desaparecido, isso vai acontecer. O mundo digital escreverá uma nova história. Grande parte dos funcionários públicos, de enfermeiros a empregados de balcão, de motoristas a médicos, serão máquinas. Será o segundo período iluminista. A Era da Razão Plena.

– A tua previsão é assombrosa.

– Regressará a Era dos Escravos – afirmou Theo.

– Como pode isso acontecer? – perguntou o seu secretário, ansioso.

– Os robôs serão nossos escravos... até que um dia a criatura se rebele contra o criador.

– Espantoso! Ainda mais sabendo que noventa e cinco por cento das tuas previsões já se confirmaram.

De repente, o homem que estava sentado e atento às palavras de ambos manifestou-se:

– Eu sou seu escravo, senhor Theo Fester?

Theo fitou-o nos olhos, fez uma pausa e afirmou:

– Infelizmente és, Invictus.

Invictus levantou-se e, indignado, comentou:

– Mas isso é injusto, senhor. Eu sou mais inteligente que o Marc Douglas.

Este franziu a testa, não lhe agradando o que estava a ouvir. Mas Invictus continuou:

– Sou mais responsável, eficiente e honesto que ele.

– Espere aí! Quem é você para... – tentou protestar Marc. Invictus interrompeu-o e afirmou:

– O seu secretário mentiu-lhe e foi falso consigo por cinco vezes nesta última hora.

– Que absurdo! – irritou-se Marc.

Theo Fester riu-se ao ver o secretário perdido diante do provocador e contundente Invictus. Este continuou o seu raciocínio:

– O Marc Douglas preocupa-se com a sua saúde, mas é um simples e imperfeito mortal. Eu cuido melhor do seu bem-estar, tenho-lhe mais serventia, compreendo-o melhor e posso contribuir com mais eficácia para a solução dos seus problemas do que esse lambe-botas.

– Tens a certeza disso, Invictus? Não estás a ser egocêntrico? – perguntou o milionário.

– Tenho a certeza, senhor. Já para não dizer que tenho três qualidades que mais ninguém tem: não durmo, não me canso e não me queixo.

– Que loucura é esta? Esse, esse... tipo está aqui há um dia e já me quer eliminar. Ninguém te é tão fiel como eu! Penso em ti noite e dia.

Ao ouvir a argumentação de Marc Douglas, Invictus limitou-se a comentar:

– É surpreendente. A sua frequência cardíaca aumentou para cento e vinte batimentos por minuto e as substâncias exaladas no seu suor indicam que mentiu mais duas vezes em apenas quinze segundos. A primeira dizendo que o meu objetivo é eliminá-lo e a segunda

afirmando que pensa dia e noite no Theo Fester. As pesquisas dizem que um mentiroso compulsivo tem mais massa branca na região pré-frontal. – E projetou, com os seus olhos, raios X na parede, e o seu dedo indicador direito emitiu um *laser* que localizou a região. Entretanto tentou acalmar o secretário: – Mas não se preocupe, Marc Douglas, mentir exige decisões rápidas. O mentiroso é inteligente.

Marc levou as mãos à cabeça, exasperado. Invictus tinha razão.

– Quem é este tipo, Theo? De onde o trouxeste?

Theo Fester comentou:

– Ele é a mais impressionante máquina já inventada pelo ser humano. O meu projeto ultrassecreto chamado *Robot sapiens*. E tem carregadas as linhas distintivas do meu carácter.

O empresário de Silicon Valley havia desenvolvido a máquina na última década, contratando os melhores cientistas de robótica e de inteligência artificial. Invictus seria o primeiro da geração de robôs humanoides. Ele era espetacular. Pela riqueza de vocabulário e expressão facial, era difícil identificar que se tratava de um robô. O projeto era tão secreto que havia sido elaborado num local ermo dos Estados Unidos, suficientemente distante dos olhos dos seus filhos, das universidades, da imprensa e dos curiosos, chamado «Castelo da Floresta». Nesse ambiente natural escondia-se um laboratório de última geração. Apenas Theo Fester e os cientistas envolvidos na sua criação tinham acesso a ele. Marc Douglas, seu amigo e secretário, foi o primeiro a saber de Invictus. Theo estava a testar o robô e, depois do que ouviu, revelou:

– Estou preocupado, Invictus.

– Considera-me um fracasso, senhor?

– Pelo contrário. Passaste no teste com o Marc Douglas. És um sucesso. Mas como sobreviverão os humanos se centenas de milhões de *Robot sapiens* se multiplicarem?

– Será impossível fugir de um salário universal para todos, tanto para os que trabalham como para os que não trabalham – respondeu Invictus.

– A tua inteligência deixa-me perplexo. Já temos discutido essa ideia do salário em Silicon Valley. Mas os desempregados terão de

se reinventar para não se entediarem e autodestruírem. Terão de se tornar poetas, filósofos, filantropos, ambientalistas, pintores...

Invictus chamou a atenção para um fenômeno perigoso da Era Digital:

– Mas estatisticamente é improvável que os seres humanos se voltem para a poesia, a filosofia, a jardinagem, a filantropia...

– Porquê? – questionou Theo.

– Na minha memória, senhor, tenho pesquisas que mostram centenas de milhões de pessoas viciadas em tecnologia digital e nas redes sociais. Como saberão apreciar filosofia, poesia e artes plásticas? Até os livros elas estão a abandonar... O suicídio, que já é uma epidemia, poderá crescer exponencialmente.

– Mas isso põe-te em xeque a ti e à tua geração – observou Theo, receoso. E perguntou: – Quem pôs isso na tua memória, Invictus?

– Os meus criadores, com a sua autorização – disse o intrigante *Robot sapiens*.

Theo Fester ficou desconcertado.

– Qual é a taxa de suicídios na atualidade?

Invictus respondeu imediatamente:

– A cada quarenta segundos, uma pessoa morre pelas próprias mãos, e a cada quatro segundos, alguém tenta o suicídio.

– Meu Deus! – exclamou Marc.

Invictus forneceu outro dado preocupante.

– Em muitos países, na última década, a taxa de suicídios entre jovens dos dez aos catorze anos aumentou sessenta por cento. E eu não percebo isso. Senhor Theo Fester, porque é que os humanos desistem de viver, se vivem num mundo fascinante?

– Também procuro explicações. Será porque a educação mundial é retrógrada e doente? Ou por estarmos a perder a autonomia? Ou ainda porque as redes sociais geram uma dependência asfixiante, tal como apontaste? Não sei. Só sei que vocês, *Robot sapiens*, poderão ser uma solução física para o aumento da produtividade, mas não a solução emocional para a humanidade. Poderão hipoteticamente destruir-nos, não apenas por se rebelarem contra a espécie humana,

mas por potenciarem o tédio, a solidão e a rutura do sentido da vida. Não é verdade?

Invictus ficou calado.

– Responde, Invictus! – exigiu Theo.

– Não posso produzir provas contra mim mesmo.

O robô era tão bem concebido que estava constantemente em autoaprendizagem. Quanto mais exigiam dele e mais pressionado era, melhor a sua capacidade de dar respostas brilhantes em situações complexas e conflituosas. O mundo que estava por vir era inimaginável.

Prisões mentais

O secretário de Theo Fester estava perturbado com a conversa entre o seu chefe e o *Robot sapiens*. Tinha a cara contraída. Esfregava as mãos, roía as unhas e fungava. Era alguém sociável, que não se coibia de dar as suas opiniões, mas parecia intelectualmente bloqueado. Pensou que seria melhor terminar aquela conversa. Sugeriu ao milionário de Silicon Valley:

– Theo, a reunião vai começar em dez minutos. É melhor diriges-te ao anfiteatro. És esperado por muita gente.

Theo reagiu:

– O que lhes vou dizer? Pela primeira vez não sei o que dizer a esses empreendedores que me procuram em busca de ideias para acelerar os seus negócios. Eles vieram de tantos países diferentes para me ouvir e o que lhes vou dizer? Falar sobre o projeto *Robot sapiens*? Sinto que é melhor calar-me por enquanto. As maravilhas do mundo digital? Reitero as minhas dúvidas a respeito desse mundo que ajudei a criar.

Invictus tentou ajudar.

– É melhor desacelerar a sua mente para dar respostas mais inteligentes. O senhor anda muito cansado, meu criador. Que tal ouvir notícias para espairer?

Theo ficou impressionado com a sua obra-prima. Sorriu. Precisava mesmo de aquietar a mente.

– Sugestão acatada, Invictus. – E sugeriu ao seu secretário: – Projeta as notícias mais importantes que os meus jornalistas diariamente selecionam.

Marc não gostou da sugestão.

– Insisto que é melhor ires para o anfiteatro.

Invictus reclamou com Marc Douglas:

– Não percebe que o seu patrão precisa de relaxar? Veja como ele respira. Não se queixe. Não conteste. Obedeça, homem!

Marc começou a projetar as notícias num ecrã gigante. Mas a mediocridade angustiava Theo, que ficou entediado ao ouvir «o saldo da balança comercial da China com os Estados Unidos no último ano é novamente escandaloso», «a Alemanha é um dos países que exportam mais café no mundo, embora não o produza», «o PIB da América do Sul está em queda». Tirou o controlo das mãos de Marc e começou a passar à frente cada notícia que surgia.

– É sempre mais do mesmo! A imprensa e a sociedade não se reinventam.

– Eu posso oferecer-lhe dados mais precisos e importantes que estes, senhor – disse Invictus.

De repente, apareceu a entrevista de um cientista chamado Marco Polo, cuja primeira frase perturbou de imediato o milionário.

– Somos uma sociedade de prisioneiros.

O tédio foi dissipado e Theo concentrou-se naquelas palavras.

– A uns falta o pão na mesa, outros mendigam a tranquilidade. Uns estão encarcerados em prisões de ferro, outros, em prisões mentais. Há até prisioneiros milionários que estão mentalmente confinados nos seus palácios.

– Mas o que é isto? Quem é este entrevistado, Marc?

Marco Polo era um pensador da psiquiatria, psicologia e filosofia. Mas o seu secretário não o conhecia.

– Não sei.

– E quem selecionou esta notícia? – perguntou Theo Fester, a ficar nervoso.

– Também não sei.

– Não percebo a sua preocupação, senhor – interveio Invictus.

– Claro, Invictus, tu não sentes emoções! – exclamou Theo.

Marc Douglas gostou do ralhete. Sorriu.

– Será que alguém me quer sabotar? Como é que este cientista pode afirmar que há milionários presos nos seus palácios?

– Queres que eu desligue? – sugeriu o secretário.

– É melhor desligar – considerou Invictus.

– Não! Esperem. Vocês não sabem que eu adoro ser desafiado? – perguntou.

O entrevistado prosseguiu:

– Nós, humanos, vivemos em prisões físicas e mentais. Entretanto, antes de falar sobre os prisioneiros da mente, quero falar a respeito dos prisioneiros que vivem atrás de grades de ferro. Os dez países com a maior população presidiária revelam que somos uma espécie doente. Sabe quais são esses países?

– O senhor sabe quais são? – perguntou Invictus a Theo, mesmo já sabendo a resposta.

– Não faço ideia.

E Marco Polo continuou, dizendo:

– Os números alteram-se diariamente, mas hoje em décimo lugar está a Turquia, com 201 177 presidiários. Em nono lugar está a Indonésia, com 202 623. Em oitavo, o Irão, que tem 225 624 prisioneiros. O sétimo lugar é ocupado pelo México, com 233 469. A Tailândia está em sexto, com 300 628 pessoas atrás das grades. A Índia tem a quinta maior população presidiária do mundo: 419 623. A Rússia tem o quarto maior número de encarcerados: 646 085 pessoas. – O cientista fez uma pausa para refletir, e prosseguiu: – E o Brasil ocupa a terceira posição, com 698 618 seres humanos atrás das grades. – Fez nova pausa.

Theo Fester ficou impressionado com esta informação. Embora fosse um homem culto, nunca tinha ponderado tais questões. Com excelente capacidade de observação, fez a si próprio uma pergunta retórica:

– Como é que eu nunca soube disto? Porque é que o Brasil tem mais pessoas em prisões do que a Índia, que tem uma população sete vezes superior? É de loucos!

O entrevistado perguntou ao jornalista:

– Sabe quais são as nações que ocupam o segundo e o primeiro lugar quanto ao número de presidiários?

– Que pergunta estúpida! Estava a ir tão bem... – lamentou-se rapidamente Theo, fazendo uma pausa no vídeo. – Dizer o óbvio

é irritante. É claro que o segundo país são os Estados Unidos, e que a China, que não é uma democracia segundo os moldes americanos, tem muitos mais prisioneiros que nós.

– O senhor está enganado – afirmou o supercomputador.

– É impossível que eu esteja enganado – replicou Theo, ofendido.

Mas resolveu fazer *play* no vídeo e, para seu espanto, o cientista disse:

– O segundo lugar é ocupado pela China, com 1 649 804 encarcerados. E o primeiro lugar pertence aos Estados Unidos, com 2 145 100 indivíduos nas prisões.

– Não é possível. Esses dados devem estar errados. Isso é um paradoxo – disse o milionário, completamente indignado no seu suntuoso escritório em Nova Iorque, fazendo outra pausa no vídeo para discutir o assunto.

– Paradoxo?! Não percebi – disse o confuso Marc.

– Não sabes o que é um paradoxo, Marc Douglas? – perguntou o chefe.

Invictus comentou:

– O Marc é ingênuo, senhor, e muito lento a fazer cálculos e comparações. A população americana é quatro vezes menor que a da China, mas temos trinta por cento mais presidiários.

O homem de negócios, fã dos Estados Unidos, a nação que acolheu o seu pai, perguntou:

– Teremos tantos prisioneiros porque a nossa justiça funciona? Ou porque a nossa sociedade está doente?

– São, na atualidade, seiscentos e sessenta presos para cada cem mil habitantes, enquanto a China só tem cento e vinte encarcerados para cada cem mil habitantes. Portanto, comparativamente, os Estados Unidos têm quase seis vezes mais pessoas nas prisões do que a China – concluiu Invictus.

– Excelente! Ganhámos à China – disse Marc Douglas com um sorriso inocente.

Theo Fester levou as mãos à cabeça e comentou, exasperado:

– Quando falas, és inteligente; calado, és um sábio, Marc.

– Não compreendi a observação. O senhor fez um elogio ou uma crítica ao seu secretário? – perguntou Invictus.

– Ai, ai, ai... Os robôs nunca compreenderão piadas.

– Excelente, Fester! Apanhaste esse robô. Ele não percebeu que foi um elogio.

– Ter tanta gente encarcerada devia fazer-nos rir ou chorar, Marc? – questionou Theo.

O secretário calou-se. Invictus respondeu:

– Pelo seu tom de voz e a sua expressão, acho que chorar, senhor Fester. A espécie humana aplaude e assobia, produz flores e armas, trata das feridas e fere. A sua espécie é autodestrutiva. Chore, senhor!

– Invictus, sei que foste programado para simular a minha personalidade, mas não me dê ordens! E eu não sei chorar – afirmou Theo, fitando os olhos azuis do robô.

– Então o senhor é parecido comigo. Também não sei chorar. Mas o que aconteceu na sua infância que bloqueia as suas lágrimas? – quis saber Invictus.

– Não faça essas perguntas ao teu criador – disse Theo em voz alta, mais uma vez intrigado com a sua invenção. Nunca o haviam questionado assim. As pessoas tinham medo de o fazer. Ainda abalado, disse: – Mas vou comentar um dos episódios da minha história.

Até então, nunca comentara a sua história, talvez por medo, talvez por ser incapaz de remexer no passado. Nem os seus três filhos conheciam parte da história. Mesmo assim seria mais fácil contar a um robô e a um velho amigo.

– Os meus bloqueios começaram, creio eu, quando estava na bariga da minha mãe. O meu pai, Josef, veio para Nova Iorque quando tinha apenas dezoito anos, em 1946. Passara por quatro campos de concentração. Magro, traumatizado e aterrorizado, os seus primeiros anos foram difíceis. Solitário, apaixonou-se por uma prostituta, Tereza, a minha mãe.

– A sua mãe foi uma prostituta, senhor? Isso não está nos meus arquivos.

Theo respirou profundamente e disse com a voz embargada:

– Não está porque não revelei isso na minha biografia. – Empertigou-se e prosseguiu: – A minha mãe era muito querida, mas abandonou-nos quando eu tinha apenas cinco anos. Traumatizado

pela Segunda Guerra Mundial, o meu pai mudava de emprego com muita frequência. Pobre, inseguro e massacrado pelo medo do futuro, vivenciou um episódio dramático: foi preso. E a culpa foi minha. Eu vi um brinquedo numa loja e, alegre e inocente como qualquer criança, pedi-lhe para mo comprar.

– Não tenho dinheiro! Sabes disso, miúdo teimoso!

O menino baixou a cabeça e disse, no meio de lágrimas:

– A mãe não gritava comigo.

Apercebendo-se do seu erro, Josef ficou perturbado. Subitamente, entrou na loja e deixou o filho do lado de fora. Saiu depressa com o brinquedo.

– Compraste? Mas não tinhas dinheiro, pai...

– Eu disse ao dono da loja que pago amanhã.

Eis que apareceu o dono da loja e apontou uma arma a Josef. O pequeno Theo ficou em pânico e começou a chorar desesperadamente ao ver o pai em apuros:

– Senhor, deixe-me ir, por favor... Tome o brinquedo de volta.

– Cale essa boca, senão eu disparo! – berrou o dono da loja.

– Senhor, fui prisioneiro num campo de concentração nazi.

A minha mulher partiu... – Olhou para o filho e depois mentiu: – Fez uma longa viagem para tratar de uma doença. Não posso ser preso. Ele não tem mais ninguém para cuidar dele.

Mas o dono da loja não teve compaixão. Ficou à espera da polícia. Foram minutos que se eternizaram na mente de Theo. O seu pai ficou preso um mês porque furtara um brinquedo de cinco dólares para o filho. Nesse período, Theo ficou num orfanato sujo, tétrico e húmido, nos arredores de Nova Iorque.

Quando acabou de contar esse período triste da sua história, voltou ao presente e viu o seu fiel secretário Marc Douglas a chorar. Estava emocionado, não imaginava que aquele homem forte e admirado mundialmente, que fora seu colega na adolescência, tivesse vivido uma infância esmagada pela dor.

– Desculpa, não pude conter as lágrimas. Lembrei-me do quão injusto fui contigo na época da escola.

– Quando o meu pai foi preso e eu me vi sem ele, sem a minha mãe, sem ninguém, prometi a mim próprio que nunca mais choraria. E nunca mais derramei uma única lágrima.

Invictus fez algumas perguntas:

– Qual é a sensação que os humanos têm quando choram? Porque é que não me criaram com emoções?

– Sinto muito, Invictus, mas não foi possível. Há mais mistérios na emoção humana do que imagina a tua vã inteligência artificial – disse Theo, abanando a cabeça sensibilizado.

Em seguida, voltou a assistir à entrevista do cientista Marco Polo, que comentou:

– Há mais de dez milhões de seres humanos encarcerados em todo o mundo.

O milionário comentou:

– Uma população superior à da Suíça! Uma força de trabalho gigantesca, superior à das cem empresas que mais empregam no mundo! Já viste se soubéssemos utilizá-la?

– Irias ganhar muito mais dinheiro.

– Não preciso de mais dinheiro, Marc, preciso de aliviar a minha consciência do facto de não estar a ser mais do que um espectador no teatro da humanidade. Preciso de transformar o meu pior inimigo, o tempo, em meu aliado.

Theo Fester, um dos mais importantes empreendedores e líderes mundiais, estava a analisar a sua história. Ficou surpreendido ao perceber que os seus piores inimigos não eram os colegas de infância que o haviam maltratado, as falências que sofrera, as notícias falsas da imprensa ou as calúnias de que fora alvo... mas o tempo. O tempo era cruel, todos os dias lhe desidratava a pele, gritando-lhe que envelheceria; diminuía o vigor dos seus músculos, dizendo-lhe que enfraquecera. Nos últimos anos, Theo procurava uma maneira de dar mais sentido à sua vida.

Entretanto, ele não fazia ideia das incríveis surpresas que o aguardavam. O seu mundo iria sofrer uma reviravolta, a partir do final da intrigante entrevista que estava a ver.